

# **Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisas em Psicanálise \_ CLIPP**

## **O Enlace dos Tres Registros**

**Curso de Formação em Psicanálise de Orientação Lacaniana**

### **Agradecimentos**

**A Carmen Sílvia Cervelatti, pela competente orientação, dedicação e grande paciência. Seria impossível, para mim, realizar este trabalho sem sua orientação.**

**A Sandra Grostein, pelo incessante incentivo.**

**A Niraldo de Oliveira Santos, pela grande espera para a conclusão deste trabalho.**

**A todos os professores e funcionários; sem eles este percurso não seria possível.**

**Thelma da Motta**

**São Paulo, agosto de 2013.**

The fall (bababadalgharaghtakamminarronnkonnbronntonner-ronntuonnthunntrovarrhounawnskawntoohoodenenenthurnuk !) of a once wallstrait oldparr is related early in bed and later on life down through all Christian minstrelsy.

## **Finnegans Wake**

**James Joyce**

A queda (bababadalgharaghtakamminarronnkonnbronntonner-ronntuonnthunntrovarrhounawnskawntoohoodenenenthurnuk !) de um ex venerável negociante é recontada cedo na cama e logo na fama por todos os recantores da cristã idade.

## **Finnegans Wake \_ James Joyce**

**Tradução de**

**Augusto e Haroldo de Campos**

### **Objetivo**

Apresentar algumas noções do inconsciente lacaniano devido a sua extrema importância. Acredito que pouco conseguiríamos sem elas. O trabalho expõe, de modo muito sucinto, as tres dimensões do inconsciente humano e seus enlaçamentos.

## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>04</b>
<b>Imaginário.....</b>	<b>06</b>
<b>Simbólico.....</b>	<b>08</b>
<b>Real.....</b>	<b>17</b>
<b>Enlaçamento de RSI.....</b>	<b>24</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>26</b>

## Introdução

Esta monografia é, na verdade, um passeio pelos tres registros formulados por Lacan e pelos seus possíveis enlaçamentos. É uma metáfora para explicar o funcionamento do inconsciente humano. Foi realizada de modo cronológico, de acordo com sua trajetória, numa tentativa de que houvesse maior clareza.

O conceito sobre o inconsciente em Lacan é muito diferente do de Freud. Freud postula que cada ideia leva consigo uma carga de energia, a qual denominou catexia e à medida em que esta vai realizando associações, libera energia para desejos ou outras ideias. O sistema inconsciente faz a livre descarga da excitação, enquanto, o pré-consciente, com suas anticatexias, inibem a descarga.<sup>(6,13,15)</sup> A repressão é o processo que evita que a ideia que representa um instinto (pulsão) se torne consciente.

No núcleo do inconsciente (Isso), os representantes das pulsões liberam sua carga de desejo, é o local onde estas se apresentam. Não há negação, certeza ou dúvida neste local. Estas catexias são mais intensas, muito móveis e através do *deslocamento*, espalham-se entre os representantes das pulsões, enquanto, através da *condensação*, apropriam-se de toda a catexia destas.

Seus mecanismos são atemporais, estão submetidos ao princípio do prazer e fazem a substituição da realidade externa pela psíquica. Estas qualidades pertencem ao *processo psíquico primário*. No pré-consciente há o *processo psíquico secundário*, dominado pelo princípio de realidade.<sup>(12,17)</sup>

A compulsão à repetição, tão visível na análise, e o recalco estão, também, no Isso.<sup>(12,17)</sup>

De capital importância no entendimento do inconsciente, *A Interpretação dos Sonhos* (Freud, 1900) nos trouxe a elucidação dos mecanismos de formação dos sonhos e, demonstra que estes são a realização de um desejo.<sup>(7,8,9,10,11,13)</sup>

Diz que as ideias inconscientes estão em todas as direções de nossos pensamentos, em todas as nossas decisões, condutas, intuições, patologias, etc.<sup>(6,15)</sup>

Freud deu o passo inicial em direção à ciência, distinguindo real, simbólico e imaginário, segundo Lacan. Este aprofunda seus estudos nestes tres registros ao longo de sua vida. Passa por diversos momentos em sua trajetória intelectual.

Miller organiza esta trajetória cronologicamente e, segundo ele, Lacan finaliza sua tese sobre Psicose Paranóica em 1932. A partir deste momento, passa a dedicar-se à psicanálise; em 1936, inicia sua teoria sobre o imaginário.

De 1953 a 1974, inaugura o período chamado clássico, onde o predomínio é o da ordem simbólica, o único registro a dar conta do sentido, diz Lacan.<sup>(60)</sup>

A partir de 1974, inicia-se o seu terceiro momento, que é caracterizado pela maior importância dada ao real. Passa a refletir sobre a psicanálise a partir desta ordem, deixando o simbólico com seus axiomas num segundo plano.

Não tenho a pretensão de abarcar este tema por completo ou de compreendê-lo em sua íntegra, mas o desejo de conhecer o inconsciente lacaniano, traduziu-se em estudá-lo neste trabalho.

Pelo fato desta monografia ter um tema bastante amplo, é natural que tenha, também, características mais gerais.

Os tres registros foram escritos nos moldes de um artigo de revisão, pela dificuldade, assim, encontrada. É um trabalho mais de explanação do que crítico. Isto seria impossível para mim, pelo menos neste momento de minha trajetória.

Espero não ter se tornado um trabalho extremamente cansativo pela quantidade de informações e definições que são necessárias, devido à característica do assunto.

Freud disse que o inconsciente é a verdadeira atividade psíquica. Portanto, é preciso despí-lo.<sup>(13)</sup>

Lacan, ao realizar seu percurso, diz que *o inconsciente é o sujeito de tudo* [...].<sup>(40)</sup> p. 329

O aprendizado foi enorme, obrigada.

*O que pensa em meu lugar é um outro eu ?\_ Lacan*<sup>(24)</sup> p. 527

*Qual é, pois, esse outro a quem sou mais apegado do que a mim, já que, no seio mais consentido de minha identidade comigo mesmo, é ele que me agita?*  
\_ Lacan<sup>(24)</sup> p.528

*Penso onde não sou, logo sou onde não penso\_ Lacan*<sup>(24)</sup> p.521

*Lá onde isso foi, devo advir\_ Freud*<sup>(24)</sup>, p.528

## Imaginário

Lacan afirma que o sujeito alucina seu mundo. Suas satisfações são ilusórias.<sup>(46)</sup>

No XVI Congresso Internacional de Psicanálise em 1949, Lacan retoma seu trabalho *O Estádio do Espelho*,<sup>(28)</sup> e relata que a criança se relaciona e se identifica com seus movimentos e seu meio refletidos no espelho e mostra ao outro, sua face de satisfação. Duplica esta experiência com seu próprio corpo e com as pessoas próximas a ela. A troca de olhares com aquele que a assiste é importante para este processo<sup>(28)</sup> Reconheceu-se. É um momento de “insight”.

A identificação que se dá no Estádio do Espelho leva ao nascimento do Eu. O seu desenvolvimento ocorre através de identificações ideais e se constitui por fantasias de imagens de despedaçamento do corpo, que se repetem de modo consecutivo. Estas ocorrem até a forma total, que nasce de uma gestalt da espécie. Esta fase ocorre entre os 6 e 18 meses de vida.<sup>(60)</sup> Este Eu é único para cada um.

Lacan coloca que o sentimento de alegria no ser por sua imagem no espelho nos demonstra sua raiz, origem simbólica, uma vez que, este nasce antes que ocorra a identificação com o outro e antes que a linguagem lhe dê a função de sujeito.<sup>(28)</sup>

O estádio do espelho é uma identificação, quer dizer, a transformação ocorrida no sujeito quando ele assume uma imagem. Sua função é a função da *imago*, que faz o contato entre o sujeito e a realidade, entre seu mundo interior e o exterior.

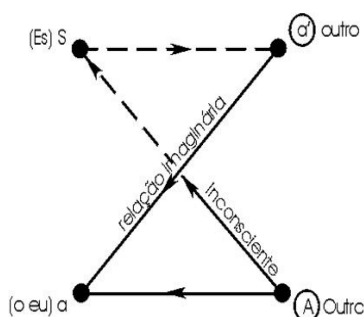
Quando este estádio termina com a identificação do ser com a imagem do semelhante, inicia-se sua maturação. O Eu se liga a situações socialmente elaboradas. Neste momento, o saber do sujeito vai em direção à intermediação através do desejo do outro, constrói seus objetos a partir de uma equivalência a objetos de outros. É uma maturação que passa, necessariamente, pela cultura, assim como no Complexo de Édipo.

O Eu, em Lacan, é a própria sede da consciência, existindo uma relação com seu significante e com seu sujeito.<sup>(55)</sup> E a única função da consciência, no estádio do espelho, é a captura imaginária do Eu por seu reflexo especular.<sup>(35)</sup>

Lacan fala sobre a presença da agressividade, como imagens de desmembramento corporal e a existência da agressividade na relação dual. O Eu é função de rivalidade. O homem tem uma agressividade ambivalente em relação ao outro, uma vez que o outro é parecido com ele mesmo.<sup>(60)</sup> Nesta reação, há uma rivalidade intensa: ou um ou outro. Freud, brilhantemente, reconheceu a pulsão do Eu como o instinto de morte.<sup>(60)</sup>

Vemos que a relação imaginária é dual, é recíproca, onde todas as características do engano se fazem presentes. No seu Esquema L, Lacan

desenha duas retas que se cruzam, uma representando o inconsciente (A (Outro) .....S) e a outra representando a relação imaginária (a.....a'), portanto, dual. Outras intersecções ocorrem entre a' (outro) e S; e entre a(Eu) e A (Outro).



### Desenho do Esquema L <sup>(76)</sup>

A reta que vai do (eu)a ao a' representa a constituição do Eu no estágio do espelho. Esta cruza com o eixo simbólico que é caracterizado pela relação do sujeito com o Outro (A).

Segundo Lacan, esta é uma maneira de deixar a estrutura do sujeito visualizável.

Esta comparação é uma metáfora; é, na realidade, o caminho da subjetivação realizada pelo significante. <sup>(55)</sup>

É no estágio do espelho que há uma divisão entre simbólico e imaginário. Esta separação é fundamental, uma vez que, o imaginário só pode tornar-se útil quando estiver relacionado à cadeia significativa, que o orienta. O mesmo é inconsistente sem o simbólico. <sup>(28)</sup>

Sabemos que, em toda fantasia existe a necessidade da ligação com a dimensão simbólica, assim como, numa história, a narração é fundamental. Na fala há uma interposição imaginária, uma vez que, se dá numa relação dual e, finalmente, as imagens estão sob o domínio de símbolos inconscientes. O imaginário necessita do significante (sobredeterminação simbólica).

A importância do simbólico para o imaginário é muito grande, sendo que sem o simbólico viveríamos na "irrealidade", pois é apenas através dele, que nossa percepção adquire seu caráter de "realidade".

## Simbólico

Em maio de 1968, o estruturalismo começa a tomar corpo na Europa. A base filosófica do simbólico estava lançada. <sup>(4)</sup> Ocorre uma ruptura na ideologia preponderante da época e é adotada uma postura cientificista. A busca intelectual passou a ser a história da ciência, a epistemologia e a lógica.

Aposta-se na razão e em sua dialética, aposta-se, também, no rigor. As teorias necessitavam de uma base epistêmica.<sup>(4)</sup>

Os elementos no estruturalismo são isolados, assim, é possível utilizar o rigor matemático. Os subconjuntos formados não possuem qualquer tipo de relação hierárquica em relação aos conjuntos.<sup>(2)</sup>

*Que suas próprias partes estejam estruturadas significará, por conseguinte, que elas mesmas são passíveis de simbolizar todas as relações definíveis para o conjunto, as quais vão bastante para-além de sua distinção e sua reunião, ainda que inauguraís. De fato, os elementos se definem ali pela possibilidade de serem colocados na função de subconjuntos como recobrando uma relação qualquer definida para o conjunto, tendo essa possibilidade como traço essencial, o não estar limitada por nenhuma hierarquia natural.*<sup>(39)</sup> p.654

Os elementos, citados acima por Lacan, equivalem aos fenômenos que ocorrem na estrutura. Uma estrutura é um conjunto de regras ou leis que embasam uma ciência; explicam uma grande quantidade de fatos.<sup>(20)</sup> Estão submetidas a leis de transformações onde há relações de identidade e de oposição que organizam os fenômenos, sem que haja expansão para o exterior.

A estrutura do inconsciente lacaniano tem a mesma forma que a do discurso. Esta estrutura é assimétrica, irregular e incompleta.<sup>(2)</sup> Para Lacan, a estrutura domina o sujeito e o divide em significantes; *a letra mata enquanto o espírito vivifica.*<sup>(24)</sup> p.512

A lingüística, tanto quanto o estruturalismo, contribuiu enormemente para a psicanálise lacaniana. É o ramo científico da linguagem, da fala e da língua. Segundo Miller, Lacan tenta conciliar a psicanálise com o discurso da ciência, procurando na lingüística estrutural, este caminho.<sup>(62)</sup>

É uma ciência interdisciplinar que inclui a sua metalingüística, a teoria da informação, a lógica matemática, etc. Empréstos conceitos à psicanálise, à musicologia, à antropologia, entre outras.<sup>(58)</sup>

Neste campo, identifica-se o simbólico à língua.

Para a lingüística, existe a necessidade de diferenciar significante de significado, sendo que, para ela, prevalece a autonomia do significante.<sup>(37)</sup> O significante é sensorial, é expressão acústica de ondas físicas. A fala nos mostra o andar dos significantes. Neste registro, eles são importantes para a construção de todas as estruturas psíquicas.

Lacan define o significante como sendo sempre aquilo que representa o sujeito para outro significante, infinitamente. Constrói, assim, sua cadeia que coloca as



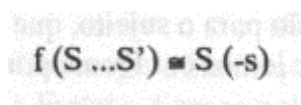
significações em sua estrutura. O significante é retido na significação no sujeito e é transformado em significado.<sup>(36)</sup>

Um significante leva, para todos os outros significantes, as significações que surgem nos pontos de fixação entre significante e significado (pontos de capitonê ou pontos de basta). Sem esta fixação não poderíamos perceber o sentido, já que há o escorregar contínuo entre estas cadeias.<sup>(3)</sup>

O significante é o criador do sentido (significado) e, vai além deste. O sentido é sempre resultado de uma interpretação. O significado está próximo da nomeação das coisas e é atribuído ao substantivo.<sup>(43)</sup>

Influenciado por Roman Jakobson, Lacan utilizou a metonímia e a metáfora para expressar a posição do significante para que se dê o sentido.<sup>(24)</sup>

Denominamos metonímia a ligação do significante com outro significante. É a associação livre de ideias que permite que detectemos o inconsciente, esta é a função significante da linguagem.


$$f(S \dots S') = S (-s)$$

### Matema da metonímia<sup>(77)</sup>

A relação entre os significantes procura a significação. O sinal negativo, neste matema, mostra que as relações do significante e do significado são irreduzíveis.

Na metáfora, há a substituição de um significante por outro significante e é deste mecanismo que se produz o efeito de significação, de sentido, que é de poesia ou de criação. A poesia que, maravilhosamente, nos dá sempre algo além do que ela própria diz, só é possibilitada pelo significante.<sup>(24)</sup>

Nesta substituição, um dos significantes aparece na cadeia, enquanto o outro é oculto. Exemplo: *O amor é um seixo rindo ao sol.*<sup>(24)</sup> p. 512

$$f(\_S'\_) S = S (+)s$$

S

### Matema da metáfora<sup>(78)</sup>

A fórmula mostra congruência (=) com o atravessamento(+) da barra resistente à significação. O sinal positivo significa que houve passagem do significante para o significado, de onde nasce a significação.

O significante estabelece com o significado uma relação de arbitrariedade na formação do signo, sendo que o signo é um elemento da lingüística onde há uma convenção. Se ao se falar *casa*, houver o *significado de casa*, então isto é um signo.<sup>(73)</sup> A função do signo é a de comunicar alguma coisa a alguém.

Para Saussure, as palavras e os símbolos não são totalmente arbitrários; existe um resto de vínculo entre significante e significado. Segundo ele, esta é a regra que faz a cultura.<sup>(73)</sup>

Ao ler Saussure, a partir de Freud, Lacan inverte o signo daquele para o seu contrário, ou seja, significante sobre significado (S/s) ou imagem acústica sobre conceito.

A lingüística tem um modelo de arranjo combinatório e este modelo empresta seu modo de funcionamento ao inconsciente.<sup>(54)</sup>

O inconsciente é simbólico porque vem da linguagem e da cultura.<sup>(2)</sup> A linguagem é uma capacidade humana abstrata que tem como finalidade comunicar-se por signos verbais; seu suporte é a letra.<sup>(24)</sup> Se há linguagem, existe o inconsciente.<sup>(56)</sup> Assim, só existe inconsciente no ser falante e sua condição é a linguagem.<sup>(38)</sup>

Lacan fala, por todos os poros, de sua importância.

Em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Lacan, 1953), diz que os conceitos só adquirem sentido estando num campo de linguagem. Traz seu axioma máximo: *O inconsciente é estruturado como uma linguagem.*<sup>(25)</sup>

Também, em *A instância da letra ou a razão desde Freud* (Lacan, 1957), diz que a estrutura da linguagem é o que nos aparece no inconsciente.<sup>(24)</sup>

A psicanálise é linguagem, diz Lacan.<sup>(24)</sup>

A lingüística e o estruturalismo se espalham sobre as estruturas culturais, ou seja, sobre o simbólico. Assim, a dimensão simbólica é aquela que articula a relação entre o indivíduo e a cultura. Cultura como o sistema de regras sociais que estrutura a vida psíquica.<sup>(2)</sup>

Percebemos que para Lacan, a ordem simbólica se coloca sobre a natureza, a domina.<sup>(2)</sup> Isto é uma lei e é transmitida em todas as áreas culturais: religiões, relações de parentesco, educação, ensino, hinos, etc.

Freud nos dá um magnífico exemplo. Ao observar a criança quando a mãe a deixa e retorna, percebe que a criança a anula, passando a ser seu próprio objeto. Quando diz Fort! Da! para a saída e chegada da mãe, a criança está diferenciando a presença daquela de sua ausência. Passa a ser introduzida na linguagem e no sentido, apenas com dois fonemas.<sup>(25, 28)</sup> Aí temos, a primeira simbolização relacionada ao que é materno (o primeiro significante).

*A palavra é uma presença feita de ausência, que Freud captou na brincadeira da criança. Desse par: presença e ausência, nasce o universo de sentido de uma língua, no qual o universo das coisas vem se dispor.* <sup>(25)</sup> p.277

Em Lacan, a criança deseja o desejo da mãe e depende deste desejo. A simbolização da presença e ausência da mãe (simbolização primordial) leva à independência da criança em relação a esta. Em sua solidão, seu desejo torna-se desejo do outro, de um alter ego que a domina e seu objeto de desejo passa a ser seu próprio sofrimento. <sup>(25)</sup>

Posteriormente, há o posicionamento do pai como símbolo, significante, substituindo o significante da mãe na metáfora paterna proposta por Lacan no desenvolvimento de sua leitura sobre o Édipo freudiano. Tanto em Freud quanto em Lacan, o simbólico é transmitido para a criança através da linguagem pela figura do pai. <sup>(23,36)</sup>

O pai simbólico é alcançado apenas por uma construção mítica, é um mais-além, uma transcendência. Vem do pai morto de *Totem e Tabu* (Freud, 1913) que tem a função de impedir o incesto, é a lei <sup>(36)</sup>

Na tribo de nômades primitiva, descrita por Darwin, era proibida a morte do animal totêmico ao mesmo tempo em que era feita uma celebração para sua refeição. Esta celebração era seguida de um luto, uma culpa por sua morte.

Freud utiliza o referencial totêmico dos arborígenes australianos, onde é proibida a relação sexual entre os membros do mesmo clã, como prevenção para o incesto. Hipotetiza a morte do pai da horda primitiva como a morte do pai primevo onipotente que fica com todas as mulheres, expulsando os filhos. Estes, no seu retorno, matam o pai, o que gera culpa e um pacto entre os filhos para que não haja incesto. O que antes era feito por um pai real, agora, ocorre através de um pacto.

Para Lacan, o pai simbólico é um significante e, portanto, irreduzível. Este significante corresponde à posição do significante Nome-do-Pai. <sup>(36)</sup> Leva consigo a lei, a palavra; introduzindo, assim, a cultura para a criança.

A criança, na idade do complexo de Édipo, tem um relacionamento imaginário com a mãe, onde esta se torna o falo para a criança (a-a'). Há uma identificação especular com o objeto de desejo da mãe. <sup>(18)</sup>

É uma fase dominada pelo imaginário.

Quando a criança percebe que o falo é imaginário, se faz dele para satisfazer a mãe, mas percebe que a mãe deseja o pai. Este apodera-se do objeto de desejo da mãe (falo). A agressão se dá do filho para o pai (relação dual), uma vez que, este se vê impedido de possuir a mãe. <sup>(36)</sup>

Num segundo momento, a mãe é remetida a uma lei que é do Outro, o mesmo Outro que possui o falo desejado por ela. A relação não é com o pai, mas com a palavra do pai. Primeiramente, o pai interdita a mãe e proíbe a realização do incesto (lei primordial). O pai proíbe a satisfação da pulsão genital.

É importante que aquele que leva a lei, o pai simbólico, através de sua fala, seja apoiado pela mãe, como aquele que tem a lei e que esta vai além da sua. Com esta lei, lei da autoridade e do significante, Lacan constituiu o Nome-do-Pai. Este faz a identificação do ser com a lei. Esta é a lei da linguagem.

Ligada à proibição simbólica do incesto, está a castração realizada pelo Nome-do-Pai.<sup>(23)</sup> A castração é uma intervenção real do pai com uma ameaça imaginária, é um ato simbólico. Seu agente pode ser o pai ou a mãe real; seu objeto, o pênis, é imaginário.

Numa terceira etapa, o pai reinstaura o falo como objeto desejado pela mãe. Assim, o pai dá à mãe o que ele possui. O pai é um pai potente e real e a relação mãe-pai passa para o plano real. O pai é aquele que tem o falo.

Como o pai intervém no sujeito como aquele que tem o falo, este é internalizado no sujeito como Ideal do Eu. A partir deste ponto, o Complexo de Édipo declina.

A função do pai é a de substituir o primeiro significante da primeira simbolização realizada com a mãe. O pai simbólico é uma metáfora inconsciente ( o pai é um significante que surge no lugar de outro significante) e traz à tona, o falo.<sup>(23)</sup>

O Nome-do-Pai esclarece a significação desconhecida x como uma significação fálica. O Nome-do-Pai tem, também, uma significação libidinal, ele localiza o gozo.

A substituição do significante Desejo da Mãe (DM) pelo Nome-do-Pai (NDP) leva a criança ao contato com o significante, com o discurso, a linguagem e, portanto, com todo o simbólico, como consequência da perda de gozo. Há a aceitação da castração e a proteção contra o real, permitindo o laço social.<sup>(74)</sup>

$$\frac{\text{Nome do Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo - da - Mãe}}{\text{Significado para o Sujeito}} \rightarrow \text{Nome do Pai} \left( \frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

### **metáfora paterna<sup>(79)</sup>**

O Nome-do-Pai é o grande suporte da ordem simbólica, mantém a estrutura, a ordem, a hierarquia e a constância do simbólico e do imaginário.

O simbólico vem antes do sujeito, com as regras da cultura e da linguagem prontas, onde o indivíduo se aloja.<sup>(24)</sup> A criança nasce e já existe a linguagem desde que realiza sua primeira respiração.<sup>(60)</sup>

Lacan diz que, *o conceito é a própria coisa, é o mundo das palavras que cria o mundo das coisa [...].*<sup>(25)</sup> p.273-78

Segundo ele:

*[...] o homem, desde antes do seu nascimento e para-além da morte, está preso na cadeia simbólica, a qual fundou a linhagem antes que nela se bordasse a história [...].*<sup>(25)</sup> p.471

*[...] a ordem simbólica encontra o seu veículo nem que seja no silêncio do universo.*<sup>(25)</sup> p.471-2

*O homem fala, pois, mas porque o símbolo o fez homem.*<sup>(25)</sup> p.278

Em relação ao inconsciente, Freud diz que é necessário tornar consciente o inconsciente através do retorno do recaiado. Além disso, nos apresenta com a descoberta das formações do inconsciente: sintomas, sonhos, chistes e atos falhos como meios para acessar o inconsciente.<sup>(16)</sup> Para investigá-lo, pede para o paciente que associe livremente. Lacan, a partir disto, deduz que o único meio de ação é a linguagem e esta é simbólica.

Assim como Freud, Lacan diz que o inconsciente é aquilo da história do indivíduo que não pode se tornar consciente. É aquilo que falha ou aquilo que entra no discurso, pode ser resgatado e possui ideias contrárias:

Com toda sua genialidade, Lacan nos ensina, utilizando o termo inconsciente, ao enumerar seus axiomas:

*O que é o inconsciente? A coisa ainda não foi compreendida.*<sup>(40)</sup> p. 329

*É do discurso do inconsciente que colheremos sua teoria que o explica.*<sup>(40)</sup> p.329

*O inconsciente é o sujeito de tudo, para Freud são pensamentos*<sup>(40)</sup> p. 329

*O inconsciente é o discurso do Outro.*<sup>(40)</sup> p. 329

*O inconsciente é estruturado como uma linguagem.*<sup>(40)</sup> p.329

*O inconsciente é não lembrar do que se sabe.*<sup>(40)</sup> p. 329

*O inconsciente não pensa.*<sup>(40)</sup> p. 329

*Tudo que é inconsciente joga apenas com efeitos de linguagem, o inconsciente é a linguagem.*<sup>(40)</sup> p. 329

O inconsciente é algo que fica à espera, como um “não-nascido”, um “não-realizado”. Para Freud, este fenômeno se dá devido ao desejo.<sup>(12,54)</sup>

Lacan dá o nome de Outro para o inconsciente. O grande Outro da linguagem (A) é aquele que fica permanentemente ao nosso redor. É o lugar onde estão

todos os significantes, onde se realizam todas as significações. Portanto, de onde parte todo discurso.

O inconsciente fala, o que o faz depender da linguagem que pouco sabemos. Lacan coloca que eu quem diz só pode ser o inconsciente daquilo que eu faço.<sup>(41)</sup>

Em sua articulação por um inconsciente simbólico, Lacan retoma um chiste de Freud, construído através da condensação com formação de palavra composta. Analisa-o em *Famillionário, O Fátuo-milionário, O Miglionario e em Bezerra de Ouro* (1957).<sup>(31,32,33,34,)</sup>

Hirsh Hyacinth é um vendedor de bilhetes de loteria e muito necessitado, que Heine encontra num balneário na Itália. O chiste de Heine: *É tão certo quanto Deus há de me prover todas as coisas boas, doutor, sentei-me ao lado de Salomon Rothschild e ele me tratou como um igual \_ bastante familionariamente.*<sup>(14)</sup> p.30

*Famili ar*

*Mili onariamente*

*Familionariamente*

Freud refere que os processos de formação dos chistes são iguais aos da elaboração onírica. Suas técnicas correspondem aos mesmos processos: condensação, deslocamento, nonsense, representação pelo oposto, etc.<sup>(14)</sup>

No chiste acima, encontramos o mecanismo da condensação, onde, assim como, nos sonhos, os pensamentos oníricos (conteúdo latente) são abundantes, mas quando traduzidos para o conteúdo manifesto, se tornam lacônicos, breves. Há uma tradução feita de modo sintético, fragmentado, realizada devido a omissão.<sup>(9)</sup>

O chiste, para Freud, é uma técnica verbal, ou seja, do significante.<sup>(31)</sup>

Lacan prefere dar o nome de tirada espirituosa a estes fenômenos e diz que através deles nos deparamos com o inconsciente, "o que não está ali". Afirma que a tirada espirituosa é a melhor forma de apreciarmos as relações do inconsciente com o significante.

Na tirada espirituosa, observamos a preponderância do significante sobre o significado; o sujeito atribui sentido a um significante. O sentido é formado por condensação de significantes que se ligam uns aos outros, trazendo a significação.<sup>(33)</sup>

Lacan coloca que o cômico é uma relação dual diferente da tirada espirituosa, onde há a presença do Outro. <sup>(31)</sup> Diz que é do lapso que se inicia a noção de inconsciente e, também do chiste, já que este provém do lapso. <sup>(31)</sup>

Para que fosse possível a compreensão da subjetividade inconsciente, Lacan constrói o modelo do sujeito do inconsciente. É um sujeito suposto.

O sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante. O segundo significante dá o sentido de modo retroativo ao primeiro. Deste modo, o sujeito consiste no sentido dado pela relação entre S1 e S2. <sup>(35)</sup>

O sujeito lacaniano é um sujeito dividido em um falso self e a cadeia significante. *O sujeito não é senão essa própria divisão.* <sup>(5)</sup> p. 67 É chamado de sujeito barrado ou sujeito dividido. A causa dessa divisão é consequência da ação da linguagem na criança.

No inconsciente, o discurso que vem do Outro se une ao desejo e é o sujeito que nos fala. O Outro é o lugar do sujeito do inconsciente. <sup>(5,54)</sup>

Este sujeito do inconsciente aparece e desaparece rapidamente. Assim que o sujeito faz uma colocação no discurso, o significante o substitui e ele desaparece. É um aparecimento fugaz de algo que está fora do discurso. Ocorre no momento em que a cadeia significante está percorrendo seu trajeto. <sup>(5)</sup>

*Assim, o inconsciente se manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito \_ donde ressurge um achado que Freud assimila ao desejo \_ desejo que situaremos provisoriamente na metonímia desnudada do discurso em causa, em que o sujeito se saca em algum ponto inesperado.* <sup>(54)</sup> p.34

Freud colocou que o deslocamento do significante, em sua cadeia, determina os sujeitos em todos os seus atos, dons, destinos, suas cegueiras, sucessos, caráter, posição social, etc. <sup>(5)</sup> O significante exerce domínio sobre o sujeito do inconsciente. O significante é base em toda constituição do sujeito. <sup>(41)</sup>

*São as leis próprias da cadeia significante que regem os efeitos psicanalíticos determinantes para o sujeito, como: a forclusão (Verwerfung), o recalque (Verdrangung), a denegação (Verneinung) e o deslocamento do significante (Enststellung),* comenta Lacan. <sup>(30)</sup> p.13-19

Para Lacan, há uma intersecção entre simbólico e real. Na alucinação, conteúdos são foracluídos (rejeitados) da ordem simbólica e retornam no real através daquela. Ocorre intensa estranheza do seu significado para o sujeito. O que é foracluído na psicose, é o significante Nome- do- Pai, isto é, o pai simbólico.

O acting out é outro exemplo desta intersecção. Há uma interferência entre o simbólico e o real atuada pelo sujeito. O ato surge de uma relação suprimida e é incompreendido pelo sujeito.

## Real

Em 1974, inicia-se a Segunda Clínica ou o Segundo Lacan.<sup>(56)</sup> O paradigma simbólico, *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*, é colocado em um segundo plano .

Em seu ensino clássico de sua teoria (primeiro ensino), Lacan refere que o simbólico determina o real. Para a psicanálise, só é necessário o significante, o significado e suas relações.<sup>(60)</sup> O real está fora do significante e do significado.<sup>(62)</sup> Diz : *O significante causa sulcos no mundo real [...]*.<sup>(29)</sup> p.556

Posteriormente, em seu último ensino (segundo ensino), o real está mais-além do inconsciente, está no mais-além do sentido e do conhecimento.

O real equivale à “coisa em si” de Kant, onde o filósofo demonstra a nossa impossibilidade de alcançá-la, uma vez que temos nossas percepções, sentimentos e cognições que intermedeiam esta captura.<sup>(21)</sup> Para Lacan, a crítica kantiana é o questionamento mais profundo de qualquer espécie de real.

Como o real não é simbolizado, está fora do sentido e da interpretação, é impensável. É sem ordem, sem lei.<sup>(51)</sup> Deste modo, é não-captável, é silencioso. Não necessita da fala.

Lacan diz que *o real é ou a totalidade ou o instante esvanecido. Na experiência analítica, para o sujeito, é sempre o choque com alguma coisa, por exemplo, com o silêncio do analista.*<sup>(1,46)</sup> p. 45

No novo paradigma, o inconsciente no real é conhecimento escrito e detém um gozo.<sup>(57)</sup> A linguagem é, também, gozo.<sup>(57)</sup>

*Que sou Eu ? Sou do lugar onde se vocifera que o universo é uma falha na pureza do Não-Ser [...]. Chama-se gozo, e é aquele cuja falta tornaria vão o universo [...]. Esse gozo cuja falta torna o Outro inconsistente, será ele, então, o meu.*<sup>(26)</sup> p.834

Existem diversas formas de gozo.<sup>(60)</sup> O *gozo do corpo do Outro sexo* quer dizer “gozar de alguma coisa”. É o gozo do qual o sujeito goza. Está fora do simbólico.<sup>(57,60,69)</sup>

Lacan chama de *gozo fálico*, o gozo do pênis e de sua detumescência após a relação sexual. Não é um gozo do corpo da mulher. É um gozo que está fora do imaginário, fora do corpo. Significa poder e a fala é articulada a este gozo no falasser.



Todos os modos de gozo são articulados pelo *objeto a mais-de-gozar*, que também é uma forma de gozo.<sup>(57,60,69)</sup> É vivenciado internamente e não com objetos. Mantém os orifícios do corpo erotogenizados.

Lacan declara : *O gozo é aquilo que não serve para nada e que O superego é o imperativo do gozo.*<sup>(22)</sup> p.11

Em seu artigo *Os seis paradigmas do gozo*, Miller divide o gozo em Lacan de acordo com seis momentos diferentes, segundo a evolução do pensamento lacaniano. Estes se referem à relação do gozo com o significante.<sup>(63,64,67)</sup>

No *primeiro paradigma*, há uma separação entre gozo e significante. O gozo é imaginário, enquanto o significante, é simbólico. Esta não relação entre eles leva à autonomia do simbólico. O simbólico domina o imaginário. Este paradigma foi chamado de *a imaginarização do gozo.*<sup>(67)</sup>

O gozo imaginário vem de a (Eu), este vem do narcisismo, que por sua vez, vem do estádio do espelho. Este gozo forma uma barreira ao simbólico.

No *segundo, a significantização do gozo*, o gozo é colocado no simbólico. A pulsão, a fantasia, a transferência, a regressão, o falo e o desejo passam a ser simbólicos.<sup>(67)</sup> O gozo é desejo morto, porque é traduzido para significante e, portanto, simbólico. Assim, o gozo é anulado e o desejo é significantizado. Neste momento Lacan inventa os matemas.<sup>(64,67)</sup>

No *próximo, o terceiro paradigma*, há uma ruptura. O gozo está do lado da Coisa, aquilo que é não simbolizável e, depois, do *objeto a*. Para entender a relação do significante com a Coisa (gozo maciço), inventa o *objeto a*. Esta é totalmente reduzida ao objeto a.

Lacan usa o termo Das Ding, a Coisa, para dizer que a satisfação verdadeira da pulsão é a do real. Das Ding, como libido, está fora de todos os significantes e significados. O gozo é a Coisa.<sup>(64,65,67)</sup> Neste terceiro paradigma, o *gozo real* se refere ao *gozo impossível*.

O gozo é *das Ding* ou é apresentado a partir das pulsões parciais ou, ainda, por todos os objetos da indústria, da cultura e da sublimação. É o que preenche, parcialmente, a falta-de-gozar. Das Ding é, inicialmente, o gozo no fantasiar imaginário, a satisfação na imagem, nas formas. Engana com suas formas imaginárias. Torna-se precursor do *objeto a*. Finalmente, passa a significar, o “fora do significado”, o real.<sup>(67)</sup>

Assim, este paradigma é um voltar-se à Coisa. Há gozo como característica de um corpo vivo e que fala. Este gozo ignora o Outro e torna-se *Um* (real) ou um gozo concentrado no gozo fálico (gozo solitário, da não-relação) ou a fala.

No *quarto*, o *objeto a* está entre a Coisa e o Outro. Lacan, articula o gozo ao significante. Destaca o *objeto a* como gozo e, por outro lado, este provém do Outro, portanto, tem a estrutura do significante.<sup>(67)</sup>

O *objeto a* traduz uma *significantização do gozo*, uma vez que, tem a estrutura do significante e, portanto, pertence ao simbólico. O *objeto a* inicia-se pelas

pulsões parciais e zonas erógenas, havendo a integração destas, que formam o gozo pulsional.

Neste paradigma, o sujeito do inconsciente é substituído pelo corpo com todas as suas características.

Miller chamou de *gozo discursivo*, o *quinto paradigma*, onde o gozo é reduzido ao significante. Miller diz que o significante representa um gozo para o outro significante. O significante e o sujeito do inconsciente matam o gozo, assim, o gozo falta no Outro.

Acaba a autonomia do simbólico, quando Lacan diz que, o que se veicula na cadeia significante é o sujeito barrado, a verdade, a morte e o desejo (o gozo). Lacan constrói, desta maneira, uma equivalência entre gozo e sujeito do inconsciente.

Ocorre uma perda de gozo que é uma perda significantizada. Para compensar esta perda, Lacan inventa o *objeto a mais-de-gozar*.

No *sexto paradigma*, a *não-relação*, há uma mudança de tudo que foi colocado, anteriormente, por Lacan.<sup>(67)</sup>

Lacan inventa lalíngua (Alíngua). Duvida do conceito de linguagem, uma vez que, esta seria derivada de lalíngua. Assim, a linguagem torna-se secundária a lalíngua (fala antes da ordenação da gramática e separada da comunicação).<sup>(56)</sup>

Diferentemente da língua materna, lalíngua é formada pelos mal-entendidos da língua, pelas interpretações equivocadas; é uma fala captada apenas de modo fonético, por isso não possui escrita ou gramática. A encontramos no sonho, no lapso, na piada, na poesia, nos chistes e no sintoma.<sup>(56)</sup> Lacan une gozo a lalíngua e chama o resultado de gozo do blábláblá. Lalíngua não se comunica com o Outro, é um blábláblá que é, na verdade, um gozo Uno.

Lacan diz que o inconsciente verdadeiro é uma elucubração sobre lalíngua.<sup>(56)</sup>

Usa o termo linguisteria para substituir lingüística e para referir que é a relação entre o analista e a linguagem, que não se reduz à lingüística. Seu sujeito chama-se parlêtre. A lalíngua, que habita o inconsciente como uma linguagem, é sua base.

Neste paradigma, há gozo, mas não há relação sexual, isto quer dizer que o gozo vem do *Um* enquanto *gozo sexual* e é solitário.

Paradigma das separações ou não-relações é constituído pela separação do homem e da mulher, do significante e do significado, do gozo e do Outro, etc.

Coloca em cheque o estruturalismo. Os conceitos anteriores à experiência se reduzem à experiência prática. Os conceitos simbólicos são destruídos. Segundo Miller, a não-relação prevalece sobre toda a teoria lacaniana. Lacan substitui a estrutura pelo pragmático.<sup>(63)</sup>

Lacan desvaloriza o simbólico quando diz que o símbolo é uma peça quebrada.<sup>(65)</sup> Para ele, o inconsciente transferencial, que é elaborado numa análise, é uma elucubração do saber sobre o real.<sup>(65)</sup>

Para Miller, a clínica baseada nos critérios do real se transforma num desejo de gozo. Em não havendo diálogo, a interpretação não tem sentido.<sup>(65)</sup> Coloca que a interpretação é o próprio desejo inconsciente e que para ele, se é pela transferência que se conhece o inconsciente, o sujeito suposto saber é sua evidência. Ao pensar o real, pergunta, de modo inconformado, se podemos ficar sem o significante Nome-do-Pai, já que este instala o simbólico.<sup>(65)</sup> Para Lacan, a análise pode abdicar do Nome-do-Pai.

## **Enlaçamento dos tres registros**

Freud levantou a hipótese de que o inconsciente “fala” e que se transmite pela linguagem. Desta forma, o ser falante traz à tona o sujeito do inconsciente. Porém, no último ensino de Lacan, o real só é “acessível” através da escrita.

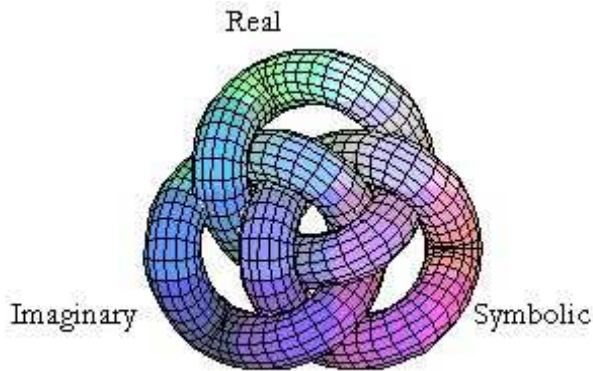
Do imaginário, Lacan passou ao simbólico com a construção de matemas. Como estes são insatisfatórios para demonstrar a clínica, volta-se para a topologia para elucidar o real e construir sua escrita; diz que por meio desta, penetramos neste registro. É uma escrita formada por tres arcos, onde cada um representa um dos registros: real, simbólico ou imaginário.<sup>(47)</sup>

Esta escrita está além da linguagem. Não segue suas leis e é independente da fala. Ela não necessita do imaginário, assim como, da palavra e, não exige compreensão. É uma escrita da qual nos servimos. É um esforço para pensar a estrutura fora da referência do Outro.

Lacan deu-lhe o nome de nó borromeano.<sup>(47)</sup>

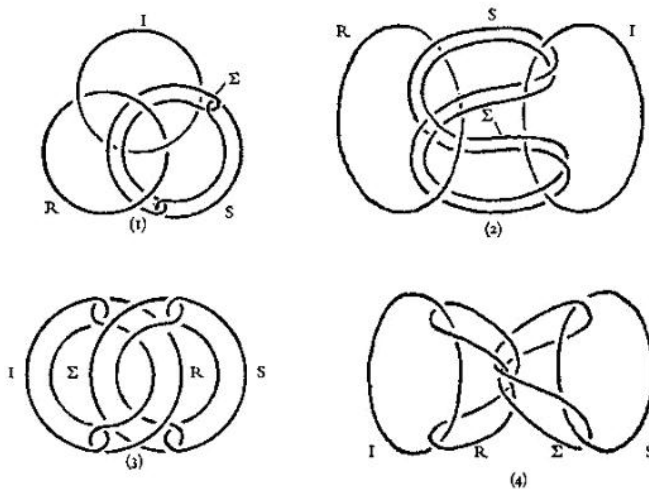
Caracteristicamente, neste nó de tres anéis, se ocorre o rompimento de um deles, os outros dois se separam e, se um envolve o outro, automaticamente, o segundo, também, é envolvido.

O real está ex-sistente ao simbólico e ao imaginário. Só tem existência ao encontrar simbólico e imaginário que o enlaçam. Este é suposto pelo fato de ex-sistir.



**Desenho do nó borromeano<sup>(80)</sup>**

Há sempre tres suportes subjetivos, onde um quarto vai se apoiar. O quarto elemento é denominado sinthoma, por Lacan. O sinthoma é da ordem do inconsciente real e faz a união dos arcos que, eventualmente, estiverem rompidos. Faz suplência. Com tres arcos, o nó é sempre o mesmo, portanto, é necessário o quarto aro para produzir uma assimetria e a diferença entre os registros.<sup>(47)</sup>



**Desenho do Sinthoma<sup>(81)</sup>**

Existem vários modos de entrelaçamento para formar um nó borromeano e a escrita depende da maneira como construímos o nó.

Neste nó, os círculos desenhados significando as tres dimensões, são impossíveis de serem separados uns dos outros, quando unidos pelo quarto arco.

O sinthoma é do inconsciente real, já que, “livre do sentido”, do simbólico. Assegura a articulação entre significantes e suas conseqüências sobre o gozo do sujeito.<sup>(62)</sup>

Lacan nos diz que antes da constituição do Édipo, os aros do nó borromeano se encontram separados, sendo unidos pelo significante Nome-do-Pai, formado durante a metáfora paterna. O Nome-do-Pai tem efeito de significação e enlaça real, simbólico e imaginário.

O ponto de capitonê, que une a cadeia de significantes à dos significados, consiste em um sistema feito para unir, como se fosse um grampo. O Nome-do-Pai é uma das formas do ponto de capitonê. Este ponto de capitonê generaliza o significante Nome-do-Pai.<sup>(61)</sup>

Há uma equivalência entre Nome-do-Pai e Sinthoma; eles apresentam funções iguais. Portanto, o ponto de capitonê possui duas formas de amarração : com o Nome-do-Pai e com o sinthoma.<sup>(61)</sup>

$\Sigma \equiv \text{NDP}$

$\text{PDC} \equiv \Sigma \text{ e NDP}^{(82,83)}$

Simbólico, Real e Imaginário, diferentes entre si, quando unidos, dão a referência ao homem a cerca de sua existência. É necessário manter o sujeito nestas tres dimensões para que ele se sustente na realidade e crie laço social.<sup>(74)</sup>

O Nome-do-Pai tem como tarefa unir real, simbólico e imaginário em cada sujeito. É o centro simbólico. Cria uma realidade onde o sujeito pode existir; além de dar a significação fálica (de libido).

Uma proteção é feita, pelo simbólico e imaginário ao real, o que leva à diminuição do gozo da Coisa. Isto ocorre devido a função paterna com sua imposição da lei simbólica e proibição do incesto. Quando se introduz o Nome-do-Pai, há uma diminuição da libido, do gozo e das pulsões. O gozo é excluído do simbólico, por Lacan.

Nos anos 50 (a partir de 1953), Lacan está envolvido com a clínica relacionada ao Complexo de Édipo e com o retorno a Freud, onde há o predomínio do significante *Nome-do-Pai*, da metáfora paterna. Até 1974, a clínica era vista de modo dual : neurose ou psicose. Neurose se houvesse a presença do significante *Nome-do-Pai* e psicose, no caso de forclusão do mesmo.

Na neurose, o significante *Nome-do-Pai* compõe com o ponto de capitonê, mas este não abarca todo o gozo. O sintoma neurótico faz o papel de suplência para o real.<sup>(71)</sup>

Na neurose existe uma relação com a castração, com a impotência, uma diferenciação entre o Eu e o Isso e entre o significante e as pulsões, por fim, um superego bem delimitado.<sup>(68)</sup>

Na psicose não há ponto de capitonê. Com a falta do *Nome-do-Pai*, ocorre uma alteração dos enlaçamentos, do discurso e do laço social. Há uma

incapacidade do sujeito de se localizar em sua trajetória, em seu mundo. Não há o Outro na linguagem, o que leva às possíveis alterações desta. O *Nome-do-Pai* é central para o ser, ordena as relações entre os sexos e está relacionado à vida e à morte.

A partir de 74, em sua Segunda Clínica, há uma mudança na maneira de Lacan pensar o nó borromeano. Passa a existir um outro tipo de psicose, onde há o enlaçamento frouxo dos tres registros ou o distanciamento do *objeto a* decorrente deste próprio enlaçamento. O *Nome-do-pai* não estaria mais totalmente foracluído, uma vez que poderia haver a suplência realizada pelo sinthoma.

Não há mais a diferença estanque entre neurose e psicose.<sup>(71)</sup>

Lacan salienta a existência de casos de psicose semelhantes ao caso Schreber, onde há foraclusão do Nome-do-Pai.<sup>(71)</sup> A foraclusão é uma falta estrutural, necessitando de suplência para manter unidos real, simbólico e imaginário.<sup>(75)</sup>

Na posição psicótica, é necessário algo que faça a função de sinthoma para atar as tres dimensões, uma vez que não existe Nome-do-Pai ou o sintoma, como na neurose.

A metáfora delirante, além de determinar uma relação com o mundo, sendo uma tentativa de cura, faz suplência de simbolização para a metáfora paterna, de onde foi foracluído o Nome-do-Pai.

Desta maneira, no *primeiro ensino* de Lacan (*Clássico*), o Nome-do-Pai é o suporte do simbólico, que permite a normalidade. Em seu *segundo ensino* (*Último Ensino*), o Nome-do-Pai torna-se um significante. Pelo fato de que nem todo gozo é significatizado, há um resto de gozo no real e há a produção de um buraco no simbólico, devido à foraclusão do Nome-do-Pai. Como exemplo deste fenômeno, temos a ausência do significante da mulher no inconsciente.

Há, também, os casos de psicose semelhantes ao caso Joyce, onde Joyce foi além do discurso com sua escrita e mostra, com isso, o real, o sem sentido. Lacan explicita neste autor, o sinthoma, demonstrando que ele utiliza sua escrita não só com o intuito de não desenvolver uma psicose, mas também, porque esta dá suplência, compensa sua carência paterna. Lacan diz que este exemplo mostra, a cada um de nós, como apreender o *Um* (inconsciente).  
(48,49,50,51,52,71)

Para Lacan, a escrita joyceana equivale a: gozo associado a sinthoma. É chamada por ele de *Sinthomática*<sup>(71)</sup> e faz suplência ao enlaçamento frouxo do nó borromeano.

Miller (*A Psicose Ordinária \_ A convenção de Antibes*, 2012) denomina estes quadros sem definição rígida, de psicose ordinária e diz que apenas inventou uma expressão para estes casos poucos definidos. São quadros que dão a impressão de estarem entre a neurose e a psicose. Não se trata de uma categoria objetiva, diz que é uma categoria que apresenta, apenas, pequenos indícios que nos falam a favor do quadro.<sup>(68)</sup>

A Psicose Ordinária apenas se manifesta após seu desencadeamento. Há *uma desordem na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito.*<sup>(29)</sup> p.565 Esta desordem se dá através da externalidade social, corporal e subjetiva.

Socialmente, é um sujeito desligado, desconectado do mundo social. Pode haver identificações sociais e profissionais maciças e em caso de perda da função, ocorrer o desencadeamento da psicose. Na externalidade corporal, o corpo está ausente, o sujeito necessita inventar laços para que possa apropriar-se de seu corpo. E na externalidade subjetiva, há a experiência de um grande vazio, o *objeto a* é dejetado, assim como, si mesmo.<sup>(68)</sup>

Como visto acima, podemos, então, apreender dois tipos com manifestações sintomáticas diferentes na psicose. Um tipo quando há forclusão do Nome-do-Pai e outro, quando há um afrouxamento do nó borromeano, dispersão de seus anéis, relaxamento com a conseqüente flutuação do *objeto a*<sup>(71)</sup> e, pouca ancoragem do simbólico com predomínio do imaginário.<sup>(61)</sup>

O real suplanta o simbólico a partir de 1974. O Nome-do-Pai é substituído pelas suplências simbólicas, imaginárias e reais. Este significante deixa de existir; é um elemento que funciona como Nome-do-Pai, apenas, para certos sujeitos. Assim, acaba a separação entre neurose e psicose. Lacan diz: *Todo mundo delira à sua maneira.*<sup>(68)</sup> p.417. O analista precisa saber que seu modo de dar sentido é delirante.

O real revela a maneira como cada um de nós goza de seu próprio inconsciente, respeitando sua singularidade no lidar com o gozo. Este gozo conquista sentido com a análise e torna-se desejo.<sup>(75)</sup>

Não podemos generalizar o caminho para a cura ou para a melhora de uma pessoa.

O real pode ser esclarecido na análise ao ser visto como *sinthoma*. Temos que buscar a identificação com o *sinthoma* para chegarmos àquele sujeito específico, único. O *sinthoma* traça as diretrizes para a identificação e estabelece um gozo adequado para o falasser.<sup>(70)</sup> É necessário, também, tornar o gozo possível.

O *sinthoma* representa uma relação singular em cada indivíduo; o usamos. O analista passa a ser o próprio *sinthoma* e atua na realidade. A experiência da análise é a realidade, todos os discursos fazem parte da realidade.<sup>(44)</sup>

Gorostiza cita Miller : *"O analista é um sujeito que percebeu seu modo de gozar como absolutamente singular [...]"*.<sup>(19)</sup> p.01

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Cervelatti, C. Não fique doido por uma verdade. In: Artigos, CLIPP, 2004.
2. Cunha, B. C. Psicanálise e Estruturalismo, Assírio e Alvim Cooperativa Ed. e Livreira, Lisboa, 1981.
3. Dor, J Introdução à leitura de Lacan, Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.
4. Dosse, François. Lacan: foram as estruturas que saíram às ruas. In: História do Estruturalismo. Edusc, Bauru, 2007, vol. II. 62.
5. Fink, B. O sujeito lacaniano. In: O sujeito lacaniano – entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1998.
6. Freud, S. O Inconsciente (1891) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA, vol XIV 1969.
7. Freud, S. Um sonho é a realização de um desejo \_ A Interpretação dos sonhos (1900) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA, vol IV 1969.
8. Freud, S. A Deformação nos Sonhos \_ A Interpretação dos sonhos (1900) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA, vol IV 1969.
9. Freud, S. O Trabalho de Condensação\_ A Interpretação dos sonhos (1900) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA, vol IV 1969.
10. Freud, S. O Esquecimento de Sonhos\_ A Interpretação dos sonhos (1900) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA, vol IV 1969.
11. Freud, S. Regressão\_ A Interpretação dos sonhos (1900) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA, vol IV 1969.
12. Freud, S. Os Processos Primário e Secundário \_ Repressão. A Interpretação dos sonhos (1900) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA, vol IV 1969.
13. Freud, S. O Inconsciente e a Consciência \_ Realidade . A Interpretação dos sonhos (1900) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA, vol IV 1969.
14. Freud, S. Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente (1905) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA, vol III 1969.



15. Freud, S. A Consciência e o que é Inconsciente \_ O Ego e o Id (1923) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA, vol III 1969.
16. Freud, S. Psicopatologia da Vida Cotidiana In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA, vol III 1969.
17. Freud, S. Além do Princípio de Prazer (1920). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Editora Imago LTDA, vol IV 1969.
18. Gerbase, J. A Hipótese de Lacan. A peste, São Paulo v.1,n.1,p.101-110, jan/jun. 2009.
19. Gorostiza, L. Medir o verdadeiro com o real. Congresso Semblants et Sinthome. Paris, AMP, 2009.
20. Houaiss, A. Dicionário da língua portuguesa. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2009, 1ª edição.
21. Kant, I. Crítica da razão pura In: Os pensadores, Editora Nova Cultural Ltda, 1999.
22. Lacan, J. Do Gozo. In: O Seminário Mais Ainda, livro 20, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1972-1973.
23. Lacan, J. Sobre o Complexo de Castração. In: O Seminário \_ livro 4 a relação de objeto, Jorge Zahar Ed., 1995.
24. Lacan, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Escritos, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.
25. Lacan, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1998.
26. Lacan, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: Escritos. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1998.
27. Lacan, J. The looking-glass phase (O Estádio do Espelho). XIV Congresso Internacional de Psicanálise \_ The International Journal of Psycho-analysis, vol.8, parte I, jan. 1937. In : Escritos, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1998.
28. Lacan, J. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In : Escritos, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1998.
29. Lacan, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In : Escritos, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1998.

30. Lacan, J. O seminário sobre a "A Carta Roubada". In : Escritos, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1998.
31. Lacan, J. O Famlionário. In: O Seminário as formações do inconsciente. Zahar, Rio de Janeiro, 1999.
32. Lacan, J. O Fátuo-milionário In: O Seminário as formações do inconsciente. Zahar, Rio de Janeiro, 1999.
33. Lacan, J. O Miglionário In: O Seminário as formações do inconsciente. Zahar, Rio de Janeiro, 1999.
34. Lacan, J. O Bezerro de Ouro In: O Seminário as formações do inconsciente. Zahar, Rio de Janeiro, 1999.
35. Lacan, J. Posição do inconsciente. In: Escritos, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1998.
36. Lacan, J. A Metáfora Paterna. In : O Seminário \_ As formações do inconsciente, Livro 5. Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1999.
37. Lacan, J. Radiofonia. In: Outros Escritos. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.
38. Lacan, J. Televisão. In: Outros Escritos. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.
39. Lacan, J. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade". In: Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.
40. Lacan, J. O engano do sujeito do suposto saber. In: Outros Escritos. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.
41. Lacan, J. Maurice Merleau-Ponty. . In: Outros Escritos. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.
42. Lacan, J. A psicanálise verdadeira, e a falsa. In: Outros Escritos. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.
43. Lacan, J. Discurso de Roma In: Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.
44. Lacan, J. Da psicanálise em suas relações com a realidade . In: Outros Escritos. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.
45. Lacan, J. A psicanálise. Razão de um fracasso. In: Outros Escritos. Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2003.
46. Lacan, J. O Simbólico, o Imaginário e o Real. In: Nomes do pai. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2005.
47. Lacan, J. Do uso lógico do sinthoma ou Freud com Joyce. In: O Seminário O sinthoma livro 23 Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2007.

48. Lacan, J. Joyce e o enigma da raposa In: O Seminário O sintoma livro 23 Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2007.
49. Lacan, J. Joyce era louco? In: O Seminário O sintoma livro 23 Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2007.
50. Lacan, J. Joyce e as falas impostas In: O Seminário O sintoma livro 23 Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2007.
51. Lacan, J. Do inconsciente ao real. In: O Seminário O sintoma livro 23 Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2007.
52. Lacan, J. Do que faz furo no real In: O Seminário O sintoma livro 23 Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2007.
53. Lacan, J. Do nó como suporte do sujeito In: O Seminário O sintoma livro 23 Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2007.
54. Lacan, J O Inconsciente Freudiano e o Nosso. In: O Seminário \_ Livro 11 os quatros conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
55. Leite, M.P.S.. O Imaginário, Lacan aplicado a Lacan e O Eu em Freud e o Imaginário de Lacan In: Psicanálise Lacaniana, São Paulo, Editora Iluminuras, 2010.
56. Leite, M.P.S. O Simbólico. In: Psicanálise lacaniana, Cap. II.
57. Leite, M.P.S. A teoria dos gozos em Lacan. educaçãoonline.pro.br, 2005.
58. Lopes, E. Fundamentos da lingüística contemporânea. Ed. Cultrix, São Paulo, 2008.
59. Macêdo L.F. *Sinthoma*, Inconsciente Real e Testemunho. In: Sintoma e Laço Social. Escola Brasileira de Psicanálise \_ MG. Rev. Curinga, no 28, jun 2009.
60. Miller, JÁ. Percurso de Lacan In: Percurso de Lacan, uma introdução. Jorge Zahar Editor, 1987.
61. Miller, J.A. A conversação \_La Conversation D’Arcachon \_ Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica. Editora Agalma, 1997.
62. Miller, J-A. Que es lo real ? In: La experiência de lo real em La cura psicanalítica\_ Los cursos psicanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires, Paidós, 2008.
63. Miller, J-A. El primado de La práctica. In: La experiência de lo real em La cura psicanalítica\_ Los cursos psicanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires, Paidós, 2008.

64. Miller, J-A. Paradigmas del goce. In: La experiência de lo real em La cura psicanalítica\_ Los cursos psicanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires, Paidós, 2008.
65. Miller, J.A. Perspectivas do Seminário 23 de Lacan. O SINTHOMA. Zahar, Rio de Janeiro, 2010.
66. Miller, J.A. La lógica del fantasma In: Donc, Buenos Aires, 2011.
67. Miller, J.A. Os seis paradigmas do gozo. Opção Lacaniana Online nova série, ano 3, número 7, março 2012.
68. Miller, J.A \_ Efeito do retorno à psicose ordinária. In: A Psicose Ordinária. Scriptum, Belo Horizonte, 2012.
69. Nasio, J.D. Os dois grandes conceitos: o Inconsciente e o Gozo. In: 5 lições sobre a teoria de Jacques Lacan. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1993.
70. Pacheco, L. Fins de análise e identificação com o Sinthoma. In: Sintoma e Laço Social. Escola Brasileira de Psicanálise \_ MG. Rev. Curinga, no 28, jun 2009.
71. Paulino, M. Das suplências: do sintoma ao sinthoma\_ Biblioteca-Artigos, Clipp\_ Clínica lacaniana de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise, 2006.
72. Pitteri, M. B. S. S. Jacques Lacan: O Simbólico, o Imaginário e o Real. In: Artigos, Clipp – Clínica Lacaniana de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise, 2010.
73. Saussure, F Curso de Linguística Geral, Editora Cultrix, São Paulo, 1995.
74. Skriabine, P. A psicose ordinária do ponto de vista borromeano. Latusa digital \_ ano 6 \_ no 38 \_ setembro de 2009.
75. Sparano, M.C.T. Um Estudo sobre o Sinthoma Borromeano. Ver. AdVerbum 5 Ago a Dez de 2010: pgs 113-122.
76. [Desenho do Esquema L] Disponível em: <[HTTP://www.rodrigozanatta.com](http://www.rodrigozanatta.com)>
77. [Matema da metonímia] Disponível em :< [HTTP://www.pepsic.bvsalud.org](http://www.pepsic.bvsalud.org)>
78. [Matema da metáfora] Disponível em : < [HTTP://www.pepsic.bvsalud.org](http://www.pepsic.bvsalud.org)>
79. [Metáfora paterna] Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida.**
80. [Nó borromeano simples] Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida.**
81. [Sinthoma] Disponível em: [www.siello.br](http://www.siello.br)

82.[Relações entre NDP/Sinthoma/PDC] Disponível em:  
[HTTP://www.pepsic.bvsalud.org](http://www.pepsic.bvsalud.org)

83.[pdc/ndp/Sinthoma] Miller,J-A. A Conversação. In:Os casos raros,inclassificáveis, da clínica psicanalítica. A conversação de Arcachon. Cap.II Biblioteca Freudiana Brasileira,1998, SCANN , p.101-189